

TRANSGERACIONALIDADE: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS E JUNGUIANAS¹

Mylena Cordeiro de Oliveira²

Anna Costa Pinto Ribeiro³

Paulo Ferreira Bonfatti⁴

RESUMO:

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com objetivo de apresentar um recorte teórico sobre os conceitos fundamentais atrelados ao fenômeno da transmissão psíquica transgeracional e suas implicações em relação à constituição da subjetividade. A pesquisa do tema é amparada fundamentalmente pelos conceitos originários trazidos pela psicanálise de Freud, bem como os desdobramentos conceituais mais atuais em que psicanálise e abordagem sistêmica se entrelaçam e o fenômeno da transmissão por gerações ganha um aporte teórico decorrente de todo um aprofundamento no campo de pesquisa. O tema é abordado numa correlação com a psicologia analítica de Jung, que evidencia o grupo familiar como berço da constituição psíquica, de forma que a compreensão do fenômeno se complementa. O ser humano inserido numa teia geracional, é afetado por elementos da transmissão que operam concomitantemente a constituição psíquica e sobre a transgeracionalidade, importam os atravessamentos de conteúdos por gerações, que dada à carência de simbolização, tornam-se determinantes de lugares ocupados na cadeia geracional à revelia dos processos conscientes.

Palavras-Chave: Transgeracionalidade. Transmissão Psíquica. Subjetividade. Freud. Jung.

TRANSGENERATIONALITY: PSYCHOANALYTIC AND JUNGUIAN PERSPECTIVES

ABSTRACT:

This article is a bibliographical review that aims to introduce a theoretical approach on the fundamental concepts of transgenerational psychic transmission and its

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 20/10/2022.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mylenajfmg@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: annaribeiro@uniacademia.edu.br

⁴ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: paulobonfatti@hotmail.com

implications for the constitution of subjectivity. The present research is fundamentally supported not only by the original concepts developed by Sigmund Freud, but also by most current conceptual developments that emerged from the entanglement between psychoanalysis and the systemic approach. This latter theoretical contribution resulted in an entire deepening of the search field. The theme is addressed in correlation with Carl Jung's analytical psychology, which emphasizes the family group as the foundation of psychic constitution and, therefore, improves the understanding of the transgenerational phenomenon. The human being, placed in the midst of a generational web, is affected by transmitted features that affect, concomitantly, the psychic constitution and the transgenerational phenomenon. From this perspective, it is important to understand in what way contents pass through generations and, moreover, just how the lack of symbolization turns these same contents into crucial settings in the generational chain, despite conscious processes efforts.

KEYWORDS: Transgenerationality. Psychic Transmission. Subjectivity. Freud. Jung.

1 INTRODUÇÃO

“Aquilo que herdaste de teus pais,
conquista-o para fazê-lo teu”
(Goethe)

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre o tema transgeracionalidade a partir do conceito de transmissão psíquica geracional. Sobre o tema, especialmente em sua dimensão não explícita e carente de simbolização, encontramos um importante aporte para compreensão das implicações e desdobramentos do fenômeno sobre o psiquismo. Considerando os atravessamentos inerentes aos processos transgeracionais, tanto em relação à construção da subjetividade quanto em relação às consequências de sua experientiação ao longo da vida, é possível observar que o fenômeno recai sobre todo e qualquer ser humano, o que implica na relevância da presente pesquisa.

A transmissão psíquica geracional pode ser compreendida como os conteúdos herdados dentro de uma cadeia de gerações precedentes, em termos de vida psíquica, que pode ou não ser elaborado ou transformado, daí a relevância fundamental do fenômeno em relação aos processos de subjetivação. (KAES, 2001)

De maneira estrita, o termo transgeracionalidade, é utilizado para designar os processos de transmissão ocorridos de forma defeituosa, face sua incapacidade e

ausência de simbolização, já que “[...] atravessa as gerações e se impõe em estado bruto aos descendentes”. (GRANJON, 2000, p.24)

Para melhor compreensão sobre o tema, é importante destacar que em relação ao fenômeno da transgeracionalidade, sua principal característica consiste em sua qualidade inconsciente. Essa qualidade pode vincular-se aos processos relacionais e nessa dinâmica, torna-se possível o entendimento quanto ao fato de que o inconsciente de cada indivíduo traz traços, sobre sua estruturação e conteúdo, do inconsciente de um outro e assim sucessivamente, como ocorre dentro de uma cadeia geracional. (KAES, 2014).

Assim, dimensionar os encadeamentos que a transgeracionalidade tem sobre a vida das pessoas conduz a proposta do tema e considerando toda sua importância, cabe elaborar um estudo sobre os aspectos conceituais do termo, cuja abordagem vem ganhando notável atenção na atualidade.

Nessa via, a pesquisa bibliográfica realizada aponta o fenômeno da transmissão transgeracional de conteúdos psicológicos que afetam a formação do psiquismo, perpetuando os condicionamentos entre os membros de uma família.

Para buscar compreender os efeitos da transgeracionalidade, num primeiro momento, o presente estudo é fundamentado sob a revisão da literatura psicanalítica de Sigmund Freud, até as referências teóricas de autores mais atuais, que serão tratados na primeira parte desta pesquisa, autores estes que desde meados do século XX, com a retomada do conceito de trauma, após a segunda guerra mundial, vem incorporando ao campo psicanalítico e da abordagem sistêmica uma rica construção teórica e investigativa sobre o fenômeno. É a partir de então, que novas categorias conceituais relativas à transmissão, que emergiram para além dos conceitos originários da psicanálise, foram incorporados. (TRACHTEMBERG, 2007).

Como questão de relevância para a pesquisa, a temática se fundamenta na concepção do ser enquanto sujeito do inconsciente e é justamente nessa via de investigação, que tanto a psicanálise quanto os autores a partir da segunda metade do século XX, que num enlace entre psicanálise e processos grupais, examinam a herança e transmissão desses conteúdos.

Contudo, se Freud, como observamos na presente pesquisa, dedicou-se à investigação dos fenômenos relativos à herança psíquica de conteúdos ao longo das

gerações, a questão é que ao indagarmos sobre a transmissão destes conteúdos psíquicos na teia familiar, encontramos como questão também de maior relevância, elementos que constituem tema capital na abordagem desenvolvida por Carl Gustav Jung. Este autor enfatiza a relevância do ambiente familiar, que no âmbito de suas potencialidades e perturbações, moldam a psique em formação, com impactos diretos na constituição da criança e suas consequências na vida adulta, como efeito da herança que se dissemina através das gerações de uma família. (JUNG, 2013b)

É nessa via de investigação que Jung (2013b) aponta para o fenômeno da transmissão transgeracional e evidencia sobre a perpetuação de estados afetivos e manutenção de padrões entre os membros de uma família, fazendo com que se vislumbre um entrelaçamento das abordagens teóricas destacadas na pesquisa. Uma vez que a transmissão psíquica é entendida a partir do intersubjetivo, ou seja, o espaço de relação entre os membros da família, fundamenta-se a compreensão da herança de conteúdos inconscientes, que compõe os objetos abordados desde os primórdios da psicanálise de Freud. (KAES, 1997)

Nessa dimensão, a pesquisa evidencia como os vínculos formados que abarcam diferentes operações, constituem elementos importantíssimos em relação à constituição psíquica. Na primeira sessão, o leitor encontrará o conceito de transgeracionalidade e as descrições de elementos que compõem o fenômeno, conforme desenvolvido por alguns autores de orientação psicanalítica e sistêmica a partir de meados do século XX. Após, é realizada uma breve análise sobre os apontamentos existentes na teoria de Freud sobre herança psíquica, perpassando pelas principais obras que abordam o fenômeno e na última sessão serão apresentados alguns dos conceitos e bases da teoria de Jung sobre o fenômeno da transmissão psíquica e seus desdobramentos entre as gerações.

Vista a relevância da pesquisa, que tem como pressuposto e justificativa o fato das abordagens teóricas que a fundamenta partirem da mesma raiz epistemológica, é que sustentam a noção de indivíduo como elo de uma cadeia geracional e herdeiro de complexos experienciais que atravessam as gerações.

2 SOBRE O FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE

A transgeracionalidade, temática das mais atuais da psicanálise moderna, é tomada como objeto de estudo a partir de meados do século XX, abrindo caminho para várias teorizações a respeito de como somos constituídos a partir do reconhecimento dos fenômenos relativos à transmissão psíquica. (SILVA, 2003)

Por meio da ampliação da escuta, da compreensão do sofrimento humano e da investigação sobre o tema, é que autores psicanalistas contemporâneos construíram um rico aporte teórico sobre o papel da família em relação aos seus membros, preponderantemente sobre as questões inconscientes que atravessam as gerações. Nicholas Abraham e Maria Torok, os precursores, seguidos por autores psicanalistas da escola francesa, tais como Evelyn Granjon, Haidee Faimberg, Rene kaes e Albert Eiguer, assumiram como preocupação central tanto a busca por maior compreensão sobre os aspectos patológicos da transmissão quanto sobre a impossibilidade de simbolização de situações vividas. (TRACHTENBERG, 2007)

Assim, mediante a observação de aspectos da transmissão psíquica que impedem o indivíduo de assumir sua própria história, é que emerge o interesse em relação ao aprofundamento do tema por parte dos autores destacados acima, de forma a ensejar a publicação de várias obras que servem também de fundamentação para o desenvolvimento da primeira parte deste estudo.

Sobre a transmissão psíquica, é importante uma distinção, para melhor compreensão da pesquisa, já que o fenômeno é composto por duas modalidades; intergeracional e transgeracional. A primeira refere-se àquela que ocorre entre as gerações, observando as bordas da subjetividade, verificando-se um espaço entre os membros, em que a transmissão dos conteúdos psíquicos na família, é marcada pela elaboração, simbolização e apropriação por parte do membro receptor. É nessa esfera relacional, que encontram-se os elementos que promovem a estruturação dos vínculos. (KAES, 1997)

Já a transmissão transgeracional é invasiva, ocorre por meio de um atravessamento, tratando-se de um fenômeno de ordem inconsciente, que implica em processos de repetição patológica e de lugares preestabelecidos de forma alienante. Aqui ocorre uma abolição dos limites da subjetividade e face à inexistência da experiência de separação entre os envolvidos, estes restam à mercê das exigências do narcisismo. (CORREA, 2000)

Para melhor ilustrar sobre o fenômeno em sua descrição, há que considerar que o indivíduo, para além de um ser em si mesmo, é também um elo numa cadeia geracional. Assim, considerando que as configurações psíquicas constituem inevitavelmente objetos de transmissão na dinâmica dos vínculos, os sucessores na cadeia tornam-se, a sua própria revelia, receptores de afetos, fantasias e representações. Nessa dinâmica, os membros que precedem, mantêm o membro receptor numa matriz de investimentos, tais como a designação de lugares, interditos, satisfação e nomeações. (KAES, 2001)

Nesse sentido, ao inaugurarem todo um campo de aprofundamento, os psicanalistas Nicholas Abraham e Maria Torok, com a publicação da obra **A casca e o Núcleo** (1995) deram início as discussões sobre transgeracionalidade, que a partir de conceitos clássicos da psicanálise, tal como o conceito de incorporação trazido por Melanie Klein, trouxeram à discussão o fenômeno da transmissão psíquica, numa busca por precisões terminológicas e abrangência do tema em relação aos conceitos da raiz do pensamento psicanalítico. (INGLEZ-MAZARELLA, 2006)

Para compreender a natureza do fenômeno, é importante destacar o grupo familiar enquanto espaço originário da intersubjetividade, ou seja, onde são efetivadas as trocas entre os membros, conforme aponta o autor Rene Kaes (1997). Ao preceder o indivíduo e enquanto detentor de uma lei constitutiva, a família sustenta o terreno em que emergem os enunciados referentes às proibições fundamentais, assim como as relações de desejo que estruturam os vínculos e as identificações. Porém, em relação à transmissão transgeracional, verifica-se uma abolição dos espaços de subjetividade, que sem a experiência de separação entre os envolvidos, acabam arrastados pelas exigências do narcisismo e como consequência, afastados do espaço de transcrição transformadora da transmissão. (KAES, 2001)

Além disso; “[...] destacar a dimensão negativa da transmissão faz com que seja possível reconstruir aspectos que impedem tanto o paciente como comunidades inteiras de prosseguir em sua história e fazer a sua própria história”. (SANTOS; GAZZI, 2012, p. 635). É importante dizer que o negativo é entendido como substantivo à ausência de representação. (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

Frente a alienação da subjetividade, sobre a transmissão psíquica geracional defeituosa, decorrente dos bloqueios no processo de simbolização de

situações traumáticas, Granjon (2000) aponta que por sua própria natureza tais fenômenos permanecem silenciosos por longos períodos e assim atravessam gerações, podendo destacar a seguinte transcrição;

[...] Nenhuma falta, nenhuma transgressão, nenhuma morte, nenhum delito [...] podem ser abolidos, obrigados a serem transmitidos, inclusive com os impedimentos, interditos, mecanismos de defesa que eles suscitam e colocados para evitar que sejam conhecidos [...], fazendo fracassar as formações e os processos capazes de metabolizá-los de torná-los pensáveis, de integrá-los em uma psique e em uma história. (GRANJON, 2000, p. 25).

É importante ressaltar sobre a natureza fundamentalmente inconsciente da transgeracionalidade, em que afetos funcionam como determinantes dos lugares ocupados pelos membros da família. A ausência de elaboração mantém alguns acontecimentos como fragmentos desligados que recai sobre algum membro sucessor, em alguma geração, e nesse contexto, destaca que o conteúdo pode inclusive atravessar gerações em sua potencialidade traumática. (KAES, 2014)

Na via de investigação sobre o fenômeno, Abraham e Torok (1995) atribuíram especial terminologia para casos de defesa extremada experimentada por indivíduos incapazes da elaboração e processamento de alguns acontecimentos, trazendo para o campo de pesquisa o conceito de cripta. A cripta ou enterro intrapsíquico consiste numa dimensão em que o indivíduo, fazendo uso da cisão do ego, mantém conservado um luto indizível, detendo intactos e longe da consciência e dos afetos aqueles acontecimentos dolorosos, potencialmente desorganizadores. Este fenômeno guarda o lugar de palavras silenciadas, lágrimas retidas, cenas esquecidas, perdas não admitidas, entendidos como repressão conservadora. (TRACHTENBERG, 2017)

Nesse sentido, entende-se por repressão conservadora aquele acontecimento condenado ao segredo que acarreta a imobilidade dos conteúdos no psiquismo, o que difere do recalçamento dinâmico, este definido em termos de conflitos móveis. (ARAGÃO, 2019)

Esses acontecimentos conservados longe da consciência e o mecanismo de cisão do ego podem ser assim explicados;

Essa história ou não-história, repleta de não-ditos, que necessita ser dissociada ou clivada pelo sujeito, habitando uma cripta firmemente lacrada, necessitará encontrar um depósito fora dele próprio. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, as partes alienadas de si mesmo, e as coloca em alguém narcisicamente selecionado, da geração seguinte. (TRACHTENBERG, 2007, p. 347).

E sobre o vazio, o insuportável, os segredos e demais aspectos negativos da transmissão que se inscreve no campo psíquico, podemos bem apontar uma frase dita por Elie Wiesel, sobrevivente do holocausto judeu, conforme citado por Benghozi (2000, p. 92); “*calar-se era terrível, falar impossível*”.

O indivíduo, valendo-se então de tais defesas, frente um acontecimento da ordem do indizível e do não elaborado, pode mesmo em alguma dimensão, beneficiar-se dela, porém, esta história poderá atingir vários desdobramentos, podendo avançar pelas gerações seguintes, em razão da ausência de metabolização e simbolização. É nesta linha de pensamento, que Benghozi (2000) utiliza a terminologia “traumatismo como herança”, para denominar o fenômeno em que pese à ocorrência de um acontecimento com determinado indivíduo, é transmitido aos seus descendentes, ainda que nada tenha sido dito sobre o trauma.

O risco de que o trauma psíquico sofrido por um genitor seja repetido, constitui uma verdadeira pré-história a perpassar por várias gerações, num atravessamento compulsório, fazendo com que os sucessores sejam obrigados a lidarem com aspectos que os impactam, mas que não lhes são próprios e sim de seus pais ou avós e assim sucessivamente. Daí surge o entendimento em relação ao fato do indivíduo ser prisioneiro de sua pré-história. (TRACHTENBERG, 2017)

Sobre este fenômeno, Benghozi (2000) denomina como “gerações fantasma”, em que o inconsciente de um indivíduo acaba por influenciar sobremaneira o inconsciente de outro, habitando-o mesmo como um fantasma, recaindo então num mandato imperativo que faz pesar sobre as gerações.

Assim, resultam os efeitos inconscientes do enterro intrapsíquico de um outro, ou seja, a cripta de um sucessor, em que o sujeito fantasma torna-se prisioneiro. Dessa forma, acaba como depositário e cativo da carência da elaboração dos segredos, culpas e lutos, restando alienado de si mesmo e obrigado, a sua revelia, a viver uma história que não é sua. (ABRAHAM; TOROK, 1995)

Tais fenômenos constituem formas particulares de identificação projetiva, conforme os modelos primordiais apontados por Melanie Klein que consiste basicamente num mecanismo em que o indivíduo incorpora e toma para si características deste outro que lhes são projetadas. (TRACHTENBERG, 2017)

Todavia, tratando-se da transgeracionalidade, Faimberg (2000) descreve o fenômeno como “identificação projetiva alienante”, uma vez que o receptor do conteúdo projetado resta escravizado, com ao menos parte de seu psiquismo alienado, o que a mesma autora citada também denominou como “telescopagem de gerações” visto que a transgeracionalidade implica numa cadeia traumática transgeracional, ou seja, uma repetição de histórias colapsadas entre os membros da família.

É também importante ressaltar que os processos de transmissão psíquica, os quais nenhum ser humano escapa é composto por conteúdos que sustentam as continuidades narcísicas dos grupos e dos vínculos entre seus membros e trata de fenômenos fundamentalmente inconscientes, em que tanto conteúdos positivos quanto negativos, como aqui estudados, estão interligados, sendo herdados de forma simultânea. (KAES, 1997)

Podemos observar então a preocupação dos citados autores da contemporaneidade em relação à busca por maior compreensão dos aspectos patológicos da transmissão, reconhecendo sua incidência no destino do indivíduo, o que vem abrindo caminho para um campo inovador de investigações. Nesse sentido, inclusive trazendo novas denominações para os elementos que compõem o fenômeno, o que ocorre no momento em que a transgeracionalidade passa a ser compreendida de modo diferenciado em relação à transmissão intergeracional. (CORREA, 2000)

Os elementos que ensejam a origem do conceito de transmissão psíquica estão situados desde as primeiras reflexões de Freud sobre hereditariedade e se estendem desde as denominadas publicações pré-psicanalíticas, conforme podemos observar apontado nesta pesquisa com o texto **Rascunho L** de 1892, até seus últimos escritos, como a obra **Moisés e o Monoteísmo** de 1939. É em Freud, por seus relevantes apontamentos e reflexões sobre hereditariedade e transmissão, que encontramos os fundamentos e conceitos que servem de base para o aprimoramento do estudo sobre transgeracionalidade na atualidade. (SILVA, 2003)

Nessa dimensão, sobre um âmbito de pesquisa bastante impulsionado pela psicanálise, destaca-se que vários trabalhos sobre o fenômeno possuem sustentação no campo psicanalítico, particularmente sobre aqueles relativos à articulação da

realidade psíquica do sujeito singular e da realidade psíquica do grupo. (GRANJON, 2000) Por essa razão, muito importa a pesquisa do tema no campo da psicanálise, fundada por Sigmund Freud (1856-1939) como ponto de partida para o refinamento teórico até aqui apresentado.

3 SOBRE A TRANSMISSÃO PSÍQUICA NA PSICANÁLISE DE FREUD

Se somente a partir da segunda metade do século XX evidenciam-se as pesquisas sobre a transmissão transgeracional, quando então o tema passa a ocupar lugar de destaque, tornando-se objeto de sistematização e aprofundamento por meio dos autores de orientação sistêmica e pesquisadores de influência psicanalítica, é de grande importância evidenciar as origens de tais conceitos que trazem as bases para o aprofundamento do objeto estudado. Nesse sentido, é a partir de Freud que encontramos as articulações iniciais sobre o tema, tornando possível pensar sobre a constituição do indivíduo em relação a tudo aquilo que é herdado e as implicações decorrentes do fenômeno. (VASCONCELOS; LIMA, 2015)

É importante dizer que ainda que seja um tema presente na teoria Freudiana ao longo de sua construção, não há uma sistematização em torno do conceito por parte de Freud. Contudo, é possível apreender que é a partir de seu legado que é edificada a concepção relativa à transmissão geracional pelos autores citados na primeira parte desta pesquisa. Nesse sentido, uma vez entendida a transmissão como elemento constitutivo e fundante do psiquismo, é que Freud evidencia o conceito por três vias de vinculação; a herança no tocante a formação do eu, a herança na formação de sintomas e a herança no estabelecimento da cultura. (BERTIN; PASSOS, 2003)

Interessante apontar que já em 1892, na fase pré-psicanalítica, no texto intitulado “Rascunho L”, Freud (1976i) acusa que as fantasias fazem par àquilo que foi experimentado em forma de vivência, com aquilo que foi ouvido, consistindo assim numa articulação do passado das histórias dos antecessores com aquilo que é presentificado pelo indivíduo, o que podemos encontrar bem ilustrado a seguir;

Desse modo, o que foi ouvido por cada sujeito resulta no produto de uma combinatória entre o ouvido e o visto/vivenciado por outras gerações que, transmitido, se converte em trama fantasmática familiar. As diferentes articulações das cenas vão se ligando e formando um tecido, como uma

produção conjunta, na qual as cenas vivenciadas por alguns são portadas por outro. (AZEVEDO; FERES-CARNEIRO; LINS, 2014, p. 171)

Sobre as distintas formas concebidas por Freud para o termo transmissão, estão apresentadas na obra “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”. Entre elas: *Übertragung*, termo que designa a transferência no sentido psicanalítico estrito, intimamente ligada à transferência e a repetição, e *Übertragen* utilizado para designar processos de transmissão de pensamento, telepatia, fenômenos de contágio e imitação que surgem nas multidões. (FREUD, 1976b)

Porém, em relação aos conteúdos herdados, Freud utiliza ao longo de sua obra, com maior frequência, o termo herança conforme esclarece Silva (2003). Nesse contexto, é importante ressaltar que o termo transmissão é preponderantemente utilizado pelos autores da atualidade, conforme já apontado neste estudo, podendo ser compreendido como o trabalho psíquico de passagem dos conteúdos. Assim, podemos dizer que no dispositivo psicanalítico, a transmissão está intimamente ligada ao conceito de transferência e na raiz de seu próprio fundamento, a psicanálise ocupa-se da investigação em relação à herança de conteúdos inconscientes. (KAES, 2014)

Todavia, para falar da transmissão na psicanálise de Freud, restaria incompleta a pesquisa se não partíssemos do mito totêmico, presente em “Totem e Tabu”, Freud (1976j) que consiste numa proposta de ficção para a gênese da civilização humana, fundada na horda primitiva, que conforme Augras (1982) mesmo diante de um possível ponto de vista antropológico frágil, aponta para o fenômeno da transmissão. Nessa hipótese, é possível figurar uma cena que transcende a fantasia e a realidade, nos interessa a menção para algo anterior ao próprio psiquismo. A partir da relação feita à crença na magia que alimenta o culto dos animais e sua transformação em totemismo, o culto do totem é então substituído pelo de um ancestral relacionado e assim sucessivamente, passando pelo culto aos antepassados, projetado mais tarde em figuras heróicas, até a passagem do culto aos deuses.

Visto que desde os primórdios da psicanálise, a transmissão da vida psíquica é um tema relevante, podemos citar “A Interpretação dos sonhos” Freud (1976c) enquanto obra que traça o limite entre os textos pré-psicanalíticos e o início da psicanálise. Nesta obra Freud formula sobre a divisão entre as instâncias da consciência e inconsciente, momento em que a clínica psicanalítica encontra o seu

fundamento teórico e nessa dimensão, aponta para os processos de transmissão psíquica de uma instância à outra. É importante destacar o grande mérito de Freud em relação à sistematização do inconsciente, como uma camada desconhecida e profunda, trazendo à compreensão que o psiquismo tem sua composição para além da consciência.

Já em “A moral civilizada e a doença nervosa moderna” Freud (1976f) o fenômeno da transmissão psíquica é abordado evidenciando sobre a questão recorrente que trata da transmissão da neurose frente à moral sexual civilizada, enquanto geradora da doença nervosa moderna.

Em “Sobre o Narcisismo: Uma introdução” importante obra a ser mencionada, Freud (1976g) aponta para a continuidade da vida psíquica, em que a transmissão por meio das gerações ocorre pelas vias narcísicas, cujo amor parental consiste no retorno e reprodução do narcisismo dos pais, que mediante suas aspirações, projetam sobre o filho os seus ideais. Caracteriza uma atribuição de lugares pelos antecedentes à chegada da criança, onde o recém nascido passa a ser o portador dos desejos e sonhos não realizados dos genitores. Aqui, evidencia-se que o processo de identificação é constitutivo do Eu, sendo então o mecanismo privilegiado do processo de transmissão. (PAES; RUDGE, 2011)

O investimento narcísico dos pais, justamente por referir-se a um lugar que tanto humaniza a criança quanto garante sua sobrevivência, assume uma função determinante na construção da subjetividade. (ZORNIG, 2008). Reconhece-se então de forma ampla que a precedência por outros é o que viabiliza a constituição psíquica do indivíduo. Assim, evidencia-se sobre algo que aponta para um entrelaçamento de gerações, em que tanto os afetos como os conflitos infantis, mas principalmente a reatualização do narcisismo dos pais⁵, somados a uma reedição de histórias familiares, apontam para o fenômeno da herança psíquica transmitida ao longo das gerações, como objeto de estudo da psicanálise de Freud. (SILVA, 2003)

Seguindo, em “O mal-estar na cultura”, Freud (1976d) aponta para a passagem da natureza à cultura, que implica num processo de transmissão entre gerações, para que o processo de civilização seja mantido. Em “Psicologia de grupo

⁵ [...] a atitude de pais afetuosos para com os filhos [...] é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. (FREUD, 1976d, p. 97).

e análise do Ego”, Freud (1976h) evidencia essencialmente sobre os processos de identificação, passando pelo abandono dos ideais individuais, de forma que um objeto ideal comum promova a ligação dos membros de um grupo face aos processos de identificações imaginárias mútuas.

Sobre as questões relativas à herança psíquica evidencia-se em Freud a partir da segunda tópica, como pode ser observado na obra “O eu e o ID” (1976a) que faz referência à transmissão psíquica geracional e postula sobre a origem do superego, advindo para além do desenvolvimento da cultura, mas principalmente produto das identificações parentais, como fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo e da própria espécie. (VASCONCELOS; LIMA, 2015)

No entanto, nesta obra, Freud (1976a) é importante ressaltar que para além do superego, há também o apontamento para as dimensões do Ideal de Eu e Eu ideal, como pontos que refletem a idealização da imagem projetada no filho, em que a criança passa a ocupar o lugar dos componentes narcísicos que os pais foram obrigados a abandonar em razão das exigências da realidade. Assim, o ideal de eu, alcançado por meio da estruturação do superego, acaba servindo como um dever, uma promessa da completude perdida dos pais. (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006)

Eu ideal e Ideal de Eu ficarão sempre, distantes um do outro, pois no momento em que o sujeito alcança supostamente o Eu ideal, logo sentirá (por meio da falta inerente que nos constitui) que há algo mais a ser conquistado. Falamos então, do ideal de Eu, que projeta sua busca na rede simbólica, afetada pelo meio que marca o sujeito, e logo referida à história de gerações. (SANTOS; GHAZZI, 212, p.636)

Contudo, quando se fala em processos de transmissão psíquica, podemos afirmar que o tema surge com maior relevância em “Moisés e o Monoteísmo: Três ensaios” Freud (1976e) quando traz de maneira mais articulada o conceito de herança arcaica e serve como base para explicar aquilo que opera em nosso psiquismo sem a existência de uma experiência que tenha sido diretamente vivida. Nesta obra sobre a origem e o destino do povo judeu, parte-se da abordagem da transmissão de um evento traumático ao longo de várias gerações, num trabalho em que resta evidenciado um estudo detalhado sobre o fenômeno;

Aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, [...] uma herança arcaica. (FREUD, 1976e, p. 112)

Aponta Inglez-Mazzarella (2006) que já nesta obra podemos observar por parte de Freud, o surgimento da transmissão em seu caráter de negatividade, com clara alusão aos conteúdos ocultados, suprimidos ou renegados, acusando o processo de transmissão de maneira deformada, já que aponta que a causa das passagens obscuras e misteriosas do texto sagrado é a origem oculta de Moisés.

Ainda que essa herança não prescindia de uma vivência direta, já que a obra se refere ao não experimentado, o seu despertar ainda assim ocorre de forma vinculada a uma repetição real e recente do acontecimento, constituindo desta maneira um elo entre dois tempos, o que está fundamentado no conceito trazido por Freud, relativo à compulsão a repetição. (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006)

As heranças arcaicas, que remetem a um traço de memória da experiência de gerações anteriores, apontam para vivências constitutivas comuns e fundamentadas nessa compreensão, estas experiências só tornam possíveis serem internalizadas em razão da vinculação com as gerações anteriores. (EIGUER, 1998)

Encontramos assim pontos fundantes na teoria de Freud, que guardam estreita relação com o fenômeno da transmissão psíquica entre gerações, particularmente com o que se denomina na contemporaneidade como transgeracionalidade, visto que os elementos que a integram correspondem a uma lacuna de sentido no psiquismo, que não guardam qualquer relação com a fantasia, produzindo um vazio irrepresentável. (AZEVEDO; FERES-CARNEIRO; LINS, 2014)

É esta lacuna existente no psiquismo dos antecessores, este vazio irrepresentável, uma dimensão em que percepções encriptadas atuam como ausências e rupturas carentes de assimilação na cadeia de representações, que impossibilitam a diferenciação psíquica e fazem com que o tema esteja tão profundamente entrelaçado ao narcisismo. (PAES; RUDGE, 2011)

Outro ponto relevante observa-se quando o citado autor Nicholas Abraham, que ao articular a expressão “fantasma” aponta para a dimensão da compulsão a repetição. Nesse processo, o indivíduo é impelido, ainda que contra sua vontade, a reeditar acontecimentos traumáticos fundados em afetos sem representações, que por esta razão são projetados inadvertidamente. Este fenômeno encontra-se intimamente ligado à pulsão de morte, que diz da ausência do novo, da falta de vida,

ou seja, o impulso à morte, que assim como o narcisismo, constituem conceitos centrais tratados por Freud na formulação de sua teoria. (BOTELLA; BOTTELA, 2002)

Contudo, se o avanço dos estudos e investigações sobre o fenômeno da transgeracionalidade, desenvolvidos a partir de meados do século passado, conforme demonstrado, tem sua fundamentação assentada nas bases psicanalíticas de Freud, é que ao longo da pesquisa, resta à indagação se teriam os autores da atualidade assim como Freud esgotado todas as possibilidades para compreensão da transmissão psíquica entre e por gerações.

E é nessa via de investigação sobre o fenômeno, que encontramos ampla relação entre a temática e a teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875-1961) psiquiatra suíço, colaborador do movimento psicanalítico de Freud em sua fase inicial. Assim, ao analisarmos o fenômeno da transgeracionalidade sobre as bases e conceitos desenvolvidos à luz da psicologia analítica, encontramos enriquecedora construção teórica para compreensão da temática, conforme podemos ver a seguir.

4 A TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL NA TEORIA DE JUNG

Se quando Sigmund Freud (1976c) em relação a sua grande investigação compreende que o psiquismo é constituído pela dimensão inconsciente, não só pela consciência e reconhece sua relevância em relação aos processos psíquicos, Carl Gustav Jung também assim reconhece de maneira preponderante. Porém, se para Freud, a noção de inconsciente aponta para conteúdos reprimidos ou esquecidos em relação à consciência, Jung traz a ampliação do conceito, compreendendo que o inconsciente é organizado em duas dimensões; sendo uma delas, a que nos interessa, relativa ao inconsciente pessoal, que pode ser composto por experiências reprimidas, esquecidas, ignoradas ou demasiadamente fracas para chegarem à consciência. (JUNG, 2013b).

É importante ressaltar que o inconsciente pessoal é formado e constituído pela sombra e pelos complexos, estes de natureza e com grande carga afetiva. (ZWEIG; ABRAMS, 1994). Dimensão que daremos atenção neste estudo.

A visão coletiva ampliada de Jung, visto que é justamente o inconsciente coletivo o conceito inovador da teoria que lhe atribuiu lugar de destaque, não impediu

que apontasse claramente para a importância do ambiente em menor escala em que o indivíduo se desenvolve e é alimentado em suas primeiras vivências. Assim, como questão mesmo de maior importância em relação à constituição psíquica, Jung compreende a família como um palco em que a individualidade e os destinos são encenados. (ZWEIG; ABRAMS, 1994)

Tanto é assim que na obra **A natureza da psique**, Jung (2013a) compreende que a passagem de conteúdos através das gerações não ocorre somente de modo universal, mas investiga sobre um nível mais restrito, ou seja, o familiar para além do âmbito biológico, conforme esclarece; “[...] muita coisa é interpretada como hereditariedade em sentido estrito é antes uma espécie de contágio psíquico que consiste em uma adaptação da psique infantil ao inconsciente dos pais” (JUNG, 2013a, p. 65)

Para aclarar a compreensão apontada no texto acima, sobre os processos de estruturação psíquica vivenciados pela criança, visto que a luz da teoria de Jung, tais processos são tratados em sua dimensão mais profunda, há que reconhecer inicialmente o estado de indiferenciação relativo ao início da vida, experimentado em *participation mystique* com os pais. O conceito, criado pelo antropólogo francês Lucien Lévy Bruhl, incorporado à teoria por Jung, refere-se a um momento em que não há qualquer assimilação sobre a separação entre o indivíduo e o outro, entre o indivíduo e o coletivo ou entre o indivíduo e objeto. (JUNG, 2013a)

Nesse momento de indiferenciação para com o outro e para com o mundo, a criança experimenta o que Jung descreve como realidade ourobórica, ou seja, uma metáfora ao fenômeno em que inconsciente, mundo, grupo e indivíduo estão ligados como um todo, de maneira tão indissolúvel, que a *participation mystique* é prevalente. Imersa neste estado inconsciente, a criança experimenta a realidade ourobórica em toda sua inteireza. (JUNG, 2013b)

Sobre este estado ourobórico, nota-se que o símbolo é justamente o ouroboros, que consiste na serpente que morde a própria cauda, representada pela posição em círculo, ilustrando assim uma etapa sem opostos, em que o psiquismo é um todo indiferenciado. Daí implica que ao nascer, a criança está imersa na mãe, o que é entendido por ligação primal, que remete a um estado de fusão entre ambos. (NEUMMAN, 1995)

É nesse sentido que a figura materna detém acentuada influência para além da nutrição orgânica, assumindo a condição de nutridora psíquica da criança, esta tão carente de cuidados. (JUNG, 2013b)

Imersa nesse processo, conforme bem esclarece Neuman (1995) ao experimentar o mundo por meio dos sentidos da mãe, encontra-se inicialmente num estado de fusão psíquica e emocional, bastante intensos. Após esta etapa, a criança irá transitar para outra esfera, a patriarcal, junto à figura do pai real, saindo então da realidade psíquica unitária, amplificando a abrangência das conexões que irão se estender ao longo do seu desenvolvimento.

Importa essa colocação para delinear como a criança está unida aos pais de maneira tão inconsciente no início da vida e uma vez vivendo imersa nessa esfera psíquica parental, de modo irrestrito, reflete tanto as perturbações quanto as potencialidades do meio em que está inserida. (JUNG, 2103a)

Diante destes apontamentos, é evidenciado que Jung (2013a) postula ao longo de sua obra que a consciência advém de um estado de indiferenciação psíquica, que passa a emergir como consequência gradual de processos experimentados em que o grupo familiar participa de maneira bastante ativa.

Visto que o psiquismo dos pais possui acentuada influência sobre a esfera psíquica infantil, de forma a pontuar muitas vezes perturbações e problemas experimentados na infância, podemos trazer o que Jung considera a luz dos processos transgeracionais vivenciados pelo indivíduo;

Se nós, adultos, nos mostramos sensíveis a estas influências do meio ambiente, o que dizer então de uma criança cuja psique é mole e moldável como cera! O pai e a mãe gravam o sinete de sua personalidade fundo na psique da criança; e mais fundo quanto mais sensível e impressionável ela for. Tudo é retratado inconscientemente na criança, mesmo coisas das quais nunca se falou. (JUNG, 1995, p. 496).

Considerando a singularidade e as impressões colhidas do meio, as crianças não estão restritas apenas aos comportamentos exteriorizados e visíveis, pois são fortemente impactadas pelo dinamismo psíquico da família. (JUNG, 2103b)

E como consequência dessa imersão tão profunda no campo parental e familiar como um todo, é que se desenvolvem os complexos. Jung (2013b) aponta que os complexos consistem em agrupamentos de representações mentais dotados de forte carga afetiva e psíquica, originados a partir das experiências vivenciadas pelo

indivíduo em sua interação e relação com o meio. Assim, a família seja talvez o grupo com maior influência em relação à formação dos complexos, se considerarmos os desdobramentos e as consequências advindas do ambiente e suas interações. (JUNG, 1995; BOECHAT, 2001)

Conforme Jung (1995) os complexos não assimilados, tornam-se autônomos e mobilizam conteúdos da consciência e principalmente conteúdos inconscientes, unindo-se por vezes a outras representações mentais. Dada sua autonomia transitam com relativa liberdade como se fossem elementos vivos na psique. Uma vez ativados, passam a exercer forte influência sobre o ego⁶. A questão relevante é que diante dessa realidade, pensamentos, emoções, sentimentos e ações deixam de passar pela consciência e uma vez tomados pelos complexos, estes imperam a revelia dos processos conscientes, razão pela qual se torna um destino para o indivíduo. (JUNG, 2011).

Sobre esses estados afetivos, Jung (2013b) aponta que os pais não só imprimem sobre seus filhos marcas e condicionamentos como também partilham tais estados. A influência do par parental se mostra permeada por inegável relevância e importância quando se trata da formação da psique, já que por estar tão próximos à criança, tornam-se os transmissores de grandes conteúdos à alma infantil.

Assim, imersa no inconsciente dos pais, por serem tão próximos e quase fusionados, acabam exercendo forte influência frente a sua imaturidade e como consequência, os complexos parentais acabam por afetar a esfera psíquica dos filhos, o que se estende ao longo de todo o desenvolvimento. (JUNG, 2013b)

Questão ainda de maior relevância também é trazida por Jung (2013b) na obra **O desenvolvimento da personalidade**, quando aponta para questões importantes em relação à transgeracionalidade, no tocante a vida não vivida dos pais e o seu impacto na esfera psíquica dos filhos. Sobre essas marcas deixadas pelos antecessores, encontra-se relevante consideração trazida pelo autor;

Via de regra, o fator que atua psiquicamente de um modo mais intenso sobre a criança é a vida que os pais ou antepassados não viveram (pois se trata de fenômeno psicológico atávico do pecado original). Esta afirmação poderia parecer algo de sumário e artificial sem esta restrição: essa parte da vida a que nos referimos seria aquela que os pais poderiam ter vivido se não a tivessem ocultado mediante subterfúgios mais ou menos gastos. Trata-se

⁶ “[...] o ego é o centro da personalidade consciente, o ego é a sede da identidade subjetiva.” (EDINGER, 2020, p. 19).

pois de uma parte da vida que – numa expressão inequívoca – foi abafada talvez com uma mentira piedosa. É isto que abriga os germes mais virulentos. (JUNG, 2013b, p. 52)

Nessa via, Jung propõe uma ligação real com a vida dos ascendentes, tornando possível compreender o profundo emaranhamento entre o indivíduo e sua família, determinando tanto comportamentos quanto predisposições, que acabam por serem tomados, conforme apontado anteriormente, como um destino e nesse sentido, nas palavras do autor;

Não é a vida honesta e piedosa, não é a inculcação de verdades pedagógicas que exercem influência moldadora sobre o caráter da pessoa em formação; o que tem maior influência é a atitude emocional, pessoal e inconsciente, dos pais e educadores (JUNG, 1995, p. 495)

Jung ressalta que há uma predisposição da alma humana para transitar pelo inconsciente dos pais, em que padrões de gerações passadas acabam sendo perpetuados, caso permaneçam não assimilados. Entende que a psique possui caráter histórico, tratando-se de um sistema herdado, e por isso dotada de predisposições em relação às potencialidades e perturbações existentes. Sobre a consciência, esta não possui somente influência das particularidades individuais e do ambiente que se desenvolveu, mas é também fortemente influenciada por conteúdos constelados por uma herança psíquica. (JUNG, 2013a; 2013b).

Evidencia-se então a forte influência dos pais sobre a modulação na psique dos filhos, que ganha maiores contornos quando provem de todo o entorno familiar em que a criança está inserida e imersa quando do seu desenvolvimento;

A desarmonia latente entre os pais, uma preocupação secreta, desejos secretos e reprimidos, tudo isso produz na criança um estado emocional, com sinais perfeitamente reconhecíveis, que devagar mas segura e inconscientemente vai penetrando na psique dela, levando às mesmas atitudes e, portanto, às mesmas reações aos estímulos do meio ambiente (JUNG, 1995, p. 497)

Compreendendo que sobre o universo familiar em relação à psique em formação, não opera somente por meio de aspectos diretos e observáveis, mais sim por meio de conteúdos inconscientes transferidos entre às gerações;

[...] são transmitidos muitas vezes por várias gerações os estados neuróticos [...]. A infecção dos filhos se dá por via indireta, fazendo com que eles assumam uma atitude em relação ao estado de espírito dos pais: ou reagem em defesa própria por meio de um protesto mudo (as vezes, porém, até bem alto), ou se tornam vítimas de uma coação interna de imitação, que os paralisa psiquicamente. Tanto num caso como no outro, os filhos se vêem

obrigados a fazer, a sentir e a viver aquilo que eles próprios não são, mas sim seus pais. (JUNG, 2013b, p.88)

Sobre os complexos afetivos, é interessante trazer os apontamentos relativos aos testes de associação de palavras realizados por Jung, tratando-se de um dos métodos para investigação das expressões do inconsciente. Nesse sentido, a associação de palavras foi uma proposta para que conteúdos inconscientes pudessem ser evidenciados para além de suas manifestações por meio dos sintomas ou outros fenômenos menos explícitos. (JUNG, 1995; BOECHAT, 2001)

Para tanto, o teste consistia na pessoa dizer em voz alta de maneira mais rápida quanto fosse possível a primeira palavra que viesse à cabeça após ouvir uma expressão dada quando da aplicação, constante numa lista de palavras. Assim, o tempo de reação a cada palavra era cronometrado, quando então reações fisiológicas do paciente podiam ser observadas e analisadas. (BOECHAT, 2001)

Nessa investigação, as dissonâncias possuem fundamental importância, já que certas respostas eram indicadoras de perturbações, o que ocorria quando a palavra remetia a algum conteúdo emocional, os complexos. Nesse momento do teste, muitas pessoas eram capazes de descreverem situações do passado dotadas de grande carga emocional. Justamente por meio deste experimento foi possível constatar diversos casos de significativa influência entre familiares, concluindo pela relevância do ambiente na constelação de fatores psíquicos e na similaridade de complexos afetivos entre os membros de uma família. (JUNG, 1995)

É importante ressaltar que Jung realizou análises sobre os resultados dos testes de associação de palavras aplicados em várias famílias. A partir daí, foi possível observar associações muito semelhantes entre seus membros, principalmente entre as crianças e seus pais, o que deu ensejo em 1909 a publicação de um ensaio sob o título “A constelação familiar”. (JUNG, 1995).

E nesse contexto, sobre a transgeracionalidade, compreende-se como um fenômeno que deixa sua marca na constituição psíquica de todo ser humano, com suas bases e fundamentos assentados no ambiente familiar, fonte de nossos primeiros contatos com o mundo externo, no momento em que emergem a estruturação da psique e da personalidade. (NEUMANN, 1995)

Sendo a família o primeiro centro de convivência nos primeiros passos do ser em formação, é inegável a transmissão de conteúdos psíquicos entre as gerações e sabendo dos impactos do grupo familiar sobre a psique individual, nesse sentido, é importante pensar nos aspectos importantes da vida muitas vezes negligenciados pelos antepassados.

Contudo, talvez mais importante para nossa reflexão seja o fato de que não há qualquer relação do fenômeno com a temporalidade, isto porque os processos psíquicos inconscientes não se pautam nas leis humanas mutáveis, situam-se para além e guardam estreita relação com as conexões relativas à existência. Assim, podemos compreender que em relação ao fenômeno da transgeracionalidade o que segue vivo na verdade, consiste em algo que diz sobre sua elevada carga psíquica, que faz com que certos conteúdos sejam atravessados ao longo das gerações, numa tentativa de compensar a desarmonia em relação à vida. (ZWEIG; ABRAMS, 1994)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a origem e a história de todo indivíduo são fundamentadas e constituídas no seio das relações que compõem todo um enredo de histórias familiares preexistentes. Ao adentrar nesta teia de relações, a criança ao nascer encontra-se na condição de herdeira dessas histórias. Porém, podem tornar-se também prisioneiras, conforme evidencia o presente artigo.

Compreende-se, conforme Eiguer (1998) que o objeto da transmissão psíquica diz respeito a um ancestral que provoca identificações e intervém na constituição de instâncias psíquicas dos membros da família. Contudo, em relação a transgeracionalidade, o objeto da transmissão por gerações apresenta a peculiaridade de não propiciar a construção de uma história própria e evidencia que alguns ancestrais podem perturbar, consideravelmente, a vida dos descendentes.

E justamente por tratar-se de um atravessamento, ao longo de várias gerações muitas vezes, é que a transmissão de conteúdos opera-se pelas vias narcísicas. Assim, o narcisismo, enquanto mecanismo de estruturação psíquica apresenta-se relevante para compreensão do fenômeno, objeto da pesquisa, se visto pelo viés da psicanálise, inclusive onde os autores da atualidade encontram suporte

para os desdobramentos apresentados a partir da segunda metade do século XX. (PAES; RUDGE, 2011)

Nessa dimensão, importa mencionar que o conceito de narcisismo é estabelecido pela psicanálise num momento em que Freud preocupava-se em responder as críticas de Jung em relação à prevalência do fator sexual para explicar o funcionamento psíquico, sendo esta uma das questões que acabou por gerar o rompimento de ambos.

Todavia, podemos observar que tanto Jung quanto Freud, em suas teorias, muito evidenciam e reconhecem sobre o fenômeno pesquisado. No âmbito desta pesquisa, Freud detém-se preponderantemente no reconhecimento dos aspectos relativos à herança psíquica e os fatores que guardam relação com a transmissão apontando dessa forma como os antepassados podem afetar a vida das gerações futuras. Jung aponta para a relevância do ambiente em que o ser humano se desenvolve, sobre as marcas deixadas na esfera psíquica do ser em formação em relação ao meio familiar, já que é a família o suporte para a estruturação da psique e da personalidade, desde o início da vida.

Jung aponta como o inconsciente é modelado pelas relações existentes no âmbito familiar, reconhecendo sobremaneira o efeito poderoso dessa dimensão na formação psíquica. (BOECHAT, 2001)

Contudo, importa ressaltar que os fatores inconscientes são tanto objeto de grande relevância trazido por Freud, que identifica a noção de herança psíquica como questão fundamental em sua teoria, ao admitir que o desenvolvimento do indivíduo se ocorre na relação com o outro, em geral seus predecessores, inclusive em relação àqueles que sequer compartilharam a existência, assim como podemos observar em relação à obra “Moisés e o monoteísmo”. (FREUD, 1976e)

Interessante também apontar que em relação à pesquisa realizada, a referência na teoria de Jung, sobre a realidade ourobórica, verificada no início da vida, pode ser equiparada ao narcisismo primário em Freud, em que irá emergir o ego e trata-se de uma fase em que ambos os autores descrevem o indivíduo enquanto um ser que ainda não se reconhece separado do meio que o cerca.

Nessa dimensão compreender a criança enquanto sujeito de um grupo, de maneira a conceber e tratar o ser humano tendo a si mesmo como o próprio fim e

como elo beneficiário e herdeiro de uma cadeia intersubjetiva à qual está submetido, assume grande relevância. Na medida em que é possível identificar essa realidade, em que certo nível de indiferenciação opera-se acarretando um processo de subjetivação defeituoso, encontra-se o ensejo para a busca de um posicionamento subjetivo diante da ascendência, propiciando criar espaço para uma existência singular. Nesse sentido, a própria concepção psicanalítica indica, que o passado é continuamente associado ao presente que o evoca e o ressignifica a cada evento.

No âmbito da pesquisa realizada, talvez não seja possível responder a questão filosófica que indaga se ao nascermos somos de fato uma tábula rasa, visto que o tema é tratado face a realidade em que o surgimento do sujeito psíquico dependerá do encontro das estruturas biológicas do ser humano, com tudo o que ela comporta, e uma estrutura familiar, pela qual se transmite o sistema simbólico. (BERTIN; PASSOS, 2003)

Mas o que podemos verificar é que resta evidenciado que sem a transmissão psíquica, não existe sujeito psíquico, e, portanto, não há constituição psíquica do indivíduo.

Podemos dizer também que a criança ao nascer, carece de ocupar um lugar na família, uma posição subjetiva. Lugar este pleno de determinações simbólicas, em que cada bebê irá atribuir seguimento a uma família que tem uma história de várias gerações, herdando assim para além da carga genética, os acontecimentos e as experiências significativas vividas pelos familiares, sejam estas simbolizadas ou não. E diante da possibilidade da não simbolização, é que surge o interesse pela presente pesquisa, que também reconhece que sobre o fenômeno da transgeracionalidade, existe ainda muito espaço para ampliação das investigações.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

ARAGÃO, Regina Orth. Conversando sobre transmissão psíquica e transgeracionalidade. **Revista Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 6, n.6, p. 35-43, 2019.
AUGRAS, Monique. As fontes explícitas da obra antropológica de Freud. **Psicologia da cultura**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 02, p. 3-15, fev. 1982.

AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de; FERES-CARNEIRO, Terezinha; LINS, Samuel Lincoln Bezerra. Sintoma infantil: efeito da transmissão psíquica?. **Caderno de psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 31, p. 169-196, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 ago. 2022.

BENGHOZI, Pierre Jean. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias: desmalhar e reemalhar continentes genealógicos. *In*: Correa, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p.92

BERTIN, Ivone Placoná; PASSOS, Maria Consuelo. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 65-79, jun. 2003.

BOECHAT, Paula Pantoja. **Articulações entre a terapia familiar sistêmica e a psicologia analítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2001

BOTELLA, César; BOTELLA, Sara. **Irrepresentável: mais além da representação**. Porto Alegre: Criação Humana, 2002

CORREA, Olga Ruiz. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 2020.

EIGUER, Alberto. **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

FAIMBERG, Haydee. Entrevista. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 249-266, 2000.

FREUD, Sigmund. O Eu e o ID. *In*: FREUD, Sigmund. **O Eu e o ID “autobiografia” e outros textos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. p. 16-25 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX)

FREUD, Sigmund. A hereditariedade e a etiologia das neuroses. *In*: FREUD, Sigmund. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. p. 51-110 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. III)

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. *In*: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976c (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. IV e V)

FREUD, Sigmund. O mal estar na cultura. *In*: FREUD, Sigmund. **O mal estar na cultura e outros escritos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. p. 15-61 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXI)

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. *In*: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 1976e. p.15-205 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXIII)

FREUD, Sigmund. A moral civilizada e a doença nervosa moderna. *In*: FREUD, Sigmund. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976f. p. 167-186 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. IX)

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976g. p. 13-50 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIV)

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. *In*: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976h. p. 43-63 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVIII)

FREUD, Sigmund. Rascunho L. *In*: FREUD, Sigmund. **Publicações Pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976i, p. 129 -185 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v.I)

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e outros trabalhos. *In*: FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976j (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v.XIII)

GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. *In*: CORREA. O. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000. p.24-25.

INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo: Escuta, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**, 10ª edição, Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**, 10ª edição, Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos Experimentais**, 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**, 16ª edição, Petrópolis: Vozes, 2011.

KAËS, Rene. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

KAËS, Rene. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. *In*:

EIGUER, Alberto. **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

KAËS, Rene. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KAËS, Rene. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Idéias e Letras, 2014.

NEUMANN, Erich, **A criança: Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação**. São Paulo: Cultrix, 1995

PAES, Fernanda; RUDGE, Ana Maria. Está no sangue: Transmissão e psicanálise. **Revista aSEPHallus** PUC, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 127-156, mai./out. 2011

SANTOS, Vinícius Oliveira; GHAZZI, Mercês Sant'Anna. A transmissão psíquica geracional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, p. 632-647, 2012.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. **A herança psíquica na clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. A força da transmissão entre gerações e o transgeracional, **Revista Sociedade brasileira de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 341-354, 2007

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo v. 51, n. 2, p. 77-89, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 ago. 2022.

VASCONCELOS, Angela Teresa Nogueira de; LIMA, Maria Celina Peixoto. Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 83-103, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 ago. 2022.

ZORNIG, Silvia. **A criança e o infantil em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2008.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994